

## Bloco Norte

### Marujada

Antes de dar início ao trabalho com a marujada, é importante providenciar a música adequada, porque é a partir desse elemento que podem ser elaboradas algumas atividades com o intuito de mostrar às crianças essa dança típica da região Norte. De acordo com as condições da escola, é possível providenciar CDs com coletâneas de gravações tradicionais da marujada ou buscar, na internet, serviços de *streaming* que oferecem áudios como esses. Um exemplo é um álbum duplo organizado, em 2016, pelo músico e produtor Betão Aguiar, que reuniu gravações de grupos musicais e de mestres ainda em atividade nas cidades paraenses de Bragança e Cametá. A marujada de Bragança é uma das mais significativas do estado do Pará. O álbum apresenta cinquenta gravações feitas por dez grupos e, entre os ritmos, estão o chorado, a folia, a ladainha, o marierrê, a mazurca e o retumbão.

O álbum duplo é intitulado **Mestres navegantes v. 2** e nesta reportagem do site **O Globo** é possível saber mais sobre esse trabalho:

- Mestres navegantes. **O globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/mestres-navegantes-investiga-musica-das-raizes-do-para-19955667>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

A marujada é uma dança típica da região Norte do Brasil, mais especificamente do Pará, que ocorre na cidade de Bragança. É dançada apenas por mulheres há 200 anos e faz parte do culto a São Benedito, comemorado no dia 26 de dezembro.

A festa teve origem no ano de 1798, quando alguns escravos pediram aos seus senhores para criar a irmandade em louvor a São Benedito, o Santo Preto, como é chamado pelos devotos. Em agradecimento, os escravos dançaram de porta em porta pelas ruas da cidade.

As mulheres vestem blusa de cambraia branca rendada franzida com pala, saia vermelha e fitas, já os homens usam calça e camisa brancas e cinto preto. Na cabeça, colocam chapéu branco com a aba virada e uma flor em um dos lados. No braço esquerdo, amarram uma fita vermelha com um laço.

Essas pessoas saem em procissão pelas ruas da cidade. Há também uma dança que se chama retumbão, em que as marujas andam em filas em passos curtos e os homens tocam violino, banjo e pandeiro.

### Orientações didáticas

As escolas do país têm realizado a manutenção e a divulgação de aspectos da cultura tradicional e do folclore do Brasil com sucesso. O trabalho com elementos da cultura presentes em cada uma das regiões do Brasil, como cantigas, brincadeiras de roda, festividades tradicionais e pratos da culinária mobiliza professores, crianças, membros da comunidade escolar e do grupo familiar.

Na Educação Infantil, há um leque muito grande de possibilidades de trabalho com aspectos da cultura tradicional e regional. Trabalhar com a marujada, por exemplo, é importante para a tradição da região Norte. Os resultados dessa oportunidade de trabalho com bebês e com crianças de até três anos certamente serão interessantes.

Com os bebês menores, de até 1 ano e meio, em média, é possível fazer uma roda de ritmos utilizando essas ou outras canções executadas nas festividades da marujada. Utilizar pandeiros e chocalhos, se possível, para acompanhar as batidas dessa canção instrumental. Entre os objetivos dessa atividade estão o contato com canções tradicionais da região Norte do país, a apreciação musical, o aprendizado sobre ritmos, batidas e sons com base em uma canção exclusivamente instrumental e a socialização. Explicar em que consiste a dança típica da marujada e mostrar fotos dos grupos que a executam. É possível formar com os bebês, que já desenvolveram as habilidades de andar e dançar, uma roda de dança em que os ritmos da música são acompanhados por passadas lentas e por palminhas.

As crianças maiores, de cerca de três anos, podem executar a dança com mais flexibilidade e, para isso, pode-se organizar uma “oficina de marujada”. Nessa oficina, que pode ter a duração de vários dias, serão confeccionadas roupas típicas com papel-crepom de acordo com as cores da festa (branco, vermelho e preto) para que as crianças possam usar ao dançar.

É oportuno aproveitar os momentos na “oficina de marujada” para as crianças ouvirem canções instrumentais. Durante a oficina, falar a elas sobre a marujada, suas origens e sua história. Entre os objetivos da “oficina de marujada” estão a socialização, o incentivo às atividades manuais, a apreciação musical, a descoberta de ritmos e sons em canções instrumentais e o desenvolvimento de habilidades de dança. Pode-se finalizar o trabalho com uma apresentação às famílias.

## Boi-bumbá

A homenagem ao Boi-bumbá é uma das festas populares mais importantes do folclore brasileiro. Trata-se de uma brincadeira de rua que acontece em vários estados no Norte do Brasil. Nela, as pessoas se fantasiam para contar a lenda de um boi que ressuscita com a ajuda de um pajé.

Na história, uma mulher grávida, Catirina, tem o desejo de comer a língua do boi preferido do patrão de seu marido, Francisco. Ele, na intenção de satisfazer a vontade da esposa, mata o animal. Depois, o patrão sente falta do boi e pergunta a seu empregado onde ele está. Francisco, então, diz que o boi sumiu. Outro empregado acaba contando sobre a morte do boi preferido e, inconformado, o patrão ordena a Francisco que traga de volta o animal vivo. O homem pede ajuda ao pajé, que faz o boi reviver. O boi, então, sai chifrando todos a sua frente. O patrão fica muito feliz e todos dançam em volta do boi.

### Orientações didáticas

Uma das maneiras de se trabalhar com a festividade do boi-bumbá na Educação Infantil, ou melhor, com a história que fala sobre a origem da festividade, é utilizando o recurso de contação de histórias. Esse procedimento funciona muito bem com bebês e crianças de todas as idades. Entre os principais objetivos de se contar a origem da festa em homenagem ao boi-bumbá estão o exercício e a valorização da oralidade, o estímulo à concentração por parte das crianças (que, sentadas em roda, serão incentivadas a prestar atenção na voz do professor e em seus movimentos), o incentivo à participação durante o ato de contar a história, o incentivo à imaginação e o contato com uma rica manifestação folclórica da região Norte.

Pode-se organizar a roda de contação de histórias realizando a narração de forma solta, improvisada e com base somente na oralidade. No momento de trabalhar com os bebês menores, que já se sentam sozinhos ou permanecem sentados em cadeirinhas (de acordo com as condições da escola), utilizar algum recurso visual, como um lenço e um instrumento musical, como um chocalho. Utilizar recursos de modulação de voz, fazendo sons mais agudos e mais graves de acordo com cada personagem, bem como onomatopeias (sons de chuva, da ventania, do barulho do boi dançando etc.) é algo que empresta ritmo à narrativa.

Já no trabalho com crianças maiores, de dois anos a três anos, é interessante estimular a conversa durante a contação da história. Para isso, sugerimos algumas perguntas:

1. Será que alguém sabe o que Catirina queria comer?
2. Quem foi chamado para ajudar? O que conseguiu fazer?
3. O que o patrão sentiu quando viu o boi vivo? O que todos fizeram?



ostill/Shutterstock.com

Festa do Boi-bumbá, São Luis do Maranhão, Maranhão, s/d.

Pode-se pedir às crianças maiores que alguém se vista como boi-bumbá e surpreenda os outros durante a contação da história.

## Confeção de boi-bumbá

### Material:

- Bambolê de plástico
- Fita adesiva
- 1 canudo de papelão
- 1 caixa de sapato
- Sucatas para confeccionar os olhos, nariz e chifres do boi
- Tinta guache colorida
- Pincéis

### Como fazer:

Fixar com fita adesiva em um bambolê de plástico um canudo de papelão bem grosso para servir como pescoço do boi.

Usar a caixa de sapato com a abertura voltada para baixo para ser a cabeça. Prender também com a fita adesiva.

Fazer os olhos, nariz, boca e chifre com sucata, como botões para os olhos e jornal amassado para os chifres.

Se desejar, pintar com tinta guache ao final.

## Orientações didáticas

É interessante realizar a atividade de confecção do boi-bumbá somente após ter contado a origem da festividade do boi para as crianças. Organizar as crianças maiores (entre dois e três anos), de modo que algumas fiquem responsáveis pela fita adesiva, outras pelas sucatas para fazer o corpo, algumas pelo bambolê e assim por diante. Elas podem se tornar “ajudantes” no processo de confecção do boi-bumbá, ajudando na montagem, por exemplo.

É interessante montar somente um exemplar de boi-bumbá, pois dá à atividade um caráter coletivo. Entre os principais objetivos de uma atividade como essa, tanto para as crianças maiores quanto para os bebês, estão o incentivo à ajuda mútua, o aprendizado por meio da observação e do uso de materiais diversos e o incentivo à concentração (já que é esperado que as crianças observem e participem da montagem do corpo do boi, prestando atenção às suas etapas, ao material usado em cada uma delas, aos cuidados com a manipulação dos materiais etc.).

É importante levar para a sala algumas imagens de bonecos de boi-bumbá para que as crianças conheçam essa importante figura da manifestação folclórica e para que tenham um “modelo” básico a ser seguido, já que muitas delas podem não conhecer um modelo de boneco.

A pintura do boi, ao final do processo de confecção, pode ser feita com guache, no caso de crianças maiores. É importante ficar atento à segurança delas, observando, por exemplo, o cuidado ao lidar com cola ou tesouras e deixando claro que não podem levar guache à boca. Nesse dia, pedir aos responsáveis pelas crianças que enviem uma camiseta maior que possa ser usada por elas durante a atividade; essa camiseta servirá como um avental e possivelmente ficará cheia de tinta.

Ao montar o boi-bumbá com os bebês menores (de até dois anos, em média) pode-se basicamente aplicar os mesmos procedimentos. No entanto, se as condições da escola permitirem, a pintura final do corpo do boi pode ser feita com as chamadas “tintas comestíveis”, já que bebês menores têm a tendência de explorar o mundo com a boca e, conseqüentemente, colocam na boca quase todos os objetos que encontram.

Pode-se produzir tintas de gelatina de cores e sabores diferentes. Para isso, colocar o pó de cada cor em um pote, juntando um pouco de água fervente. Ao misturar cada pó de gelatina com a água, é preciso controlar a densidade da mistura para produzir as tintas. Ao esfriar, a tinta poderá ser utilizada.

Outra opção é fazer tinta com beterraba, colocando-a picada em um liquidificador, com água. O mesmo pode ser feito com cenoura e com espinafre. Depois, organizar as “tintas” em vidros ou potes com tampa.

Seria interessante finalizar a atividade realizando a dança do boi-bumbá.

## Ciranda do Norte

A Ciranda do Norte teve origem nas culturas espanhola e portuguesa. Trata-se de uma dança em círculos em que são cantados versos e os movimentos são coreografados.

Difundida nos estados do Pará e do Amazonas, ela ganha outra forma como a de um cordão de pássaros, que é outra manifestação folclórica, em que artistas saem às ruas contando a história de um pássaro que é morto por um caçador.

A coreografia vem acompanhada de versos cantados e ritmos diferenciados seguindo o enredo do cordão de pássaros. Forma-se uma grande roda e todos dançam como numa ciranda infantil.

Geralmente, a Ciranda do Norte é dançada em um espaço e os casais podem estar calçados ou descalços. As mulheres devem usar um vestido estampado e um laço no cabelo e os homens, uma camisa de manga comprida abotoada até o pescoço e uma calça preta.

## Orientações didáticas

É possível incentivar os bebês pequenos e as crianças de até três anos a experimentar diferentes maneiras de perceber o espaço em que se encontram e de se deslocar por esse espaço. A Educação Infantil é o início do exercício de interação de cada criança e seus colegas. O ato de auxiliar as crianças na descoberta e na exploração de seus movimentos, de seus limites, dos limites do outro e do espaço por onde se desloca pode ser realizado com o acompanhamento de melodias e ritmos. Assim, tanto a música como a dança são atividades essenciais para essa etapa da Educação Infantil.

A utilização de cantigas, brincadeiras de roda e cirandas, pertencentes à cultura tradicional e ao folclore brasileiro, aparece como uma forma adequada para incentivar o desenvolvimento motor das crianças. A Ciranda do Norte, dançada em roda e acompanhada de instrumentos de corda (banjos), de sopro (flautas) e de percussão (maracás, ganzás etc.), é uma manifestação cultural importantíssima nos estados da região Norte. Apresentá-la às crianças, seja somente cantando (para os bebês menores), seja executando uma ciranda simples, em que elas ficam de mãos dadas e cantam a música enquanto brincam de roda (no caso das turmas de crianças de dois e três anos) constitui uma experiência enriquecedora, que contempla tanto a apreciação de uma manifestação cultural do local em que as crianças vivem como a prática de exercícios físicos e de ações que permitem a exploração dos movimentos. Para subsidiar o trabalho do professor, selecionamos um texto que fala sobre as atividades motoras e as características das crianças de zero a três anos:

No estágio impulsivo-emocional, que abrange o primeiro ano de vida, a emoção direciona a interação da criança com o meio. O estado de imperícia e inaptidão em que a criança se encontra faz com que se relacione primeiramente com as pessoas que intermediam seu contato com o mundo. Isto ocorre por meio da predominância da afetividade.

No estágio sensório-motor e projetivo, que vai até o terceiro ano de vida, o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do meio físico. A aquisição do andar e da possibilidade de apreensão das coisas fornece maior autonomia na manipulação dos objetos e investigação do espaço. Nesta fase, a criança começa a adquirir a função simbólica e a linguagem. Para Galvão (1995), o termo “projetivo”, empregado para nomear o estágio, deve-se à característica do funcionamento mental neste período: ainda nascente, em que o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar, e o ato mental “projeta-se” em atos motores. Ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio (inteligência prática e simbólica).

GODOY, Kathya Maria Ayres de. **A criança e a dança na Educação Infantil**. Conteúdos e didática de Artes. São Paulo: Unesp. p. 22 e 25. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40517/1/01d18t02.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

## Brincadeira da onça

Em uma brincadeira dos indígenas Panará, que vivem no Pará, o pekã é um pássaro que avisa aos porcos sobre o perigo da onça e assim eles podem fugir.

### Como brincar:

- Para essa brincadeira, é preciso escolher uma criança para ser o pássaro e outra para ser a onça.
- As outras crianças serão os porcos e devem sentar-se em fila, uma atrás da outra. O pássaro começa a brincadeira avisando que o porco pode sair, então, a última criança da fila deve sair de seu lugar e sentar na frente da fila sem que seja pega pela onça.
- A brincadeira termina quando todos os porcos forem pegos pela onça.

## Orientações didáticas

Compartilhar lendas, costumes e brincadeiras indígenas com os bebês e com as crianças da Educação Infantil constitui uma experiência bastante positiva. Entre os objetivos da brincadeira da onça, especificamente quando realizada com crianças mais velhas, estão os seguintes: incentivar o contato com lendas, costumes e brincadeiras indígenas presentes na região onde vivem; incentivar o gosto pelo conhecimento da cultura indígena, caso não sejam indígenas; realizar uma brincadeira em que se valoriza o exercício físico, a tomada rápida de decisões e a ajuda mútua.

As crianças entre dois e três anos possivelmente entenderão a lógica da brincadeira de forma rápida. Antes de dar início à atividade, conversar com as crianças sobre os indígenas Panará, caso não sejam desse grupo, dizendo que uma de suas aldeias se localiza no estado do Pará (segundo o Instituto Socioambiental, há indígenas Panará também no estado de Mato Grosso). É interessante perguntar às crianças se elas já viram alguma brincadeira indígena e mostrar, se possível, fotografias das crianças desse povo.

Agachar, correr, brincar de pega-pega e tomar decisões rápidas pode ser algo fácil para algumas crianças e algo um pouco mais desafiador para outras; de todo modo, a partir dos dois anos, as crianças já possuem autonomia para realizar esses movimentos e até mesmo para entender alguns padrões e ordens.

Caso o estabelecimento de ensino possua um número grande de bebês, de até um ano e meio de idade, em média, é possível introduzir aspectos da cultura indígena com base na contação de histórias: sugerimos, neste caso, os poemas do livro **Poeminhas da terra**, de Marcia Leite (ilustrações de Tatiana Móes. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016). Esse livro apresenta uma série de poemas com a temática indígena. Muitos deles, inclusive, utilizam jogos de palavras e de repetição de vogais ou sílabas, fazendo com que a leitura em voz alta pelo professor seja bastante ritmada e atraente para os bebês.

## Brincadeira do tucunaré

A brincadeira do tucunaré surgiu da observação durante a pescaria. O professor Perankô, da escola indígena Matukre (Pará), reparou que os peixes menores ficavam nas águas rasas e os maiores, no fundo.

O tucunaré é natural dos rios e lagos da América do Sul, em especial do Brasil. Ele é comumente encontrado no Pantanal e na Bacia Amazônica.

### Como brincar:

- É preciso demarcar o espaço da brincadeira separando o “raso” do “fundo”. Para isso, podem ser usadas madeiras enfincadas no chão, amarradas por barbante, ou fazer uma marcação com giz no chão.
- Fazer dois quadrados, um dentro do outro. O quadrado de dentro é o “fundo”.
- Escolher quatro crianças para ocupar esse espaço: elas irão pegar as demais, que serão os peixes pequenos.
- No quadrado de fora, fazer seis “portas”, por onde os peixes pequenos podem escapar quando forem atacados pelos tucunarés, que por sua vez não podem sair pelas portas porque é raso demais.
- Os peixes capturados devem ir para o fundo e ficar lá até que todos tenham sido pegos.

## Orientações didáticas

Alguns aspectos dessa brincadeira indígena lembram a atividade do pega-pega. Desse modo, as crianças mais velhas, de dois a três anos, devem compreender rapidamente seu sentido. É possível fazer as marcações no chão utilizando giz ou fita-crepe. Se a brincadeira for realizada em um gramado ao ar livre, é possível usar barbantes amarrados em cones, por exemplo.

Entre os objetivos da brincadeira do tucunaré, especificamente quando realizada com as crianças mais velhas, estão os seguintes: incentivar o contato com lendas, costumes e brincadeiras indígenas presentes na região onde vivem; incentivar o gosto pelo conhecimento da cultura indígena, caso não sejam indígenas; realizar uma brincadeira em que se valoriza o exercício físico, a tomada rápida de decisões e a ajuda mútua.

Antes de dar início à brincadeira com as crianças, é importante dizer a elas que o tucunaré é um peixe bastante comum nos rios que passam pelas terras indígenas dos estados do Pará e do Amazonas. Há uma série de pratos presentes na culinária indígena que utilizam esse peixe. Pode-se comentar, também, que o próprio nome “tucunaré” é de origem indígena: mais especificamente, é de origem tupi, e seu significado é o seguinte: *tucun* (árvore) e *aré* (amigo); ou seja, tucunaré significa “amigo da árvore”.

Novamente, caso a escola conte com um número grande de bebês, de até um ano e meio de idade, em média, é possível introduzir aspectos da cultura indígena com base na contação de histórias. Sugerimos, neste caso, as lendas deste livro:

- **Cordelendas – Histórias Indígenas em Cordel**, de Cesar Obeid e ilustrações de Nireuda Longobardi. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

## Mousse de cupuaçu

Muitas comidas da região Norte carregam fortes influências indígenas pois têm peixes, raízes, sementes, folhas e frutos como os principais ingredientes da culinária.

O **açaí** produz sucos e polpas, mas também pode ser consumido com farinha de mandioca ou tapioca.

A **castanha-do-brasil** (também conhecida como castanha-do-pará) é uma semente oleaginosa consumida ao natural; pode ser torrada, ou ainda transformada em farinha, em doces ou em sorvetes.

Um dos maiores peixes de água doce do Brasil é o **pirarucu**, que é conhecido como o “bacalhau da Amazônia” e, junto com o **tucunaré** serve de base para vários pratos da região. O **jambu** é um ingrediente que deixa a boca levemente dormente. Trata-se de uma erva que tem uma substância anestésica.

O **guaraná** pode ser usado para fazer refrigerantes, xaropes e sucos. Seu pó é utilizado como energético.

O **cupuaçu** é uma fruta da Amazônia brasileira muito usada em doces, geleias, sucos e sorvetes.



Vanessa Volk/Shutterstock.com  
Cupuaçu.

### Mousse de cupuaçu

#### Ingredientes:

- 1 lata de leite condensado
- 1 lata de creme de leite
- 200 g de polpa da fruta ou dois envelopes de cupuaçu congelado
- 1 envelope de gelatina em pó sem sabor e incolor

#### Modo de fazer:

Despejar o creme de leite, o leite condensado e a polpa no liquidificador e bater. Depois, dissolver o envelope de gelatina em 6 colheres de sopa de água gelada e bater novamente no liquidificador. Levar a mistura à geladeira por 4 horas. Servir gelado.

## Orientações didáticas

Utilizar a culinária na Educação Infantil proporciona momentos de muita diversão e de aprendizado para as crianças de todas as faixas etárias. Entre os objetivos do trabalho com a culinária estão os seguintes: levar as crianças a perceber o cuidado que devemos ter com os alimentos e com sua manipulação; levá-las a perceber que cozinhar é um processo que demanda paciência, concentração e a comida necessita de um tempo de preparo; fazer com que as crianças aprendam a compartilhar a comida com os outros colegas; dar a elas a oportunidade de tocar, de sentir e de cheirar alimentos desconhecidos; incentivar hábitos saudáveis nas crianças.

Vale notar que, atualmente, segundo as orientações tanto da Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto do Ministério da Saúde do Brasil, os bebês não devem consumir açúcar no primeiro ano de vida. Contudo, em 2016, a Academia Americana de Pediatria fez uma alteração nessa recomendação: o açúcar deve ser introduzido na dieta dos bebês somente após os dois anos de idade. Por isso, é importante perceber se os educadores seguem essas recomendações tão importantes. O leite condensado pode ser substituído por leite condensado de soja, caso haja crianças alérgicas à lactose. Ou então pode-se substituí-lo por iogurte e adicionar uma a duas colheres de sopa de açúcar.

Se possível, leve alguns frutos de cupuaçu para a sala, para que os bebês e as crianças mais velhas possam tocá-los. E, para dar prosseguimento à receita, recomendamos utilizar a polpa da fruta, já preparada.

Se as condições da escola permitirem, é possível fazer com as crianças um momento de degustação da receita já pronta.

## Vasos de argila

O artesanato da região Norte tem grande influência de diferentes grupos indígenas. Os materiais mais utilizados para fabricação dos artesanatos são os encontrados no ambiente das matas e rios, como sementes, palhas, madeiras, barro, penas, ossos de animais. Cada povo passa essa arte de geração em geração, mantendo assim, as características únicas de sua cultura.

Para fazer um vaso de argila, siga as orientações a seguir.

### Material:

- Argila
- Água
- Fio de náilon

### Como fazer:

Cortar a argila usando um fio de náilon. Para começar, é preciso amassá-la bem, molhando-a um pouco, até que fique bem maleável. Em seguida, dividi-la em duas partes. Com a primeira parte, fazer uma bola para compor a base do vaso; para isso, achatá-la em uma mesa e modelá-la na forma desejada do vaso.

Com o restante da argila, peça às crianças que façam “cobras” e as coloquem na base da estrutura até que o vaso esteja do tamanho desejado. É necessário usar os dedos úmidos para alisar o vaso e aparar as bordas. Deixar secando à sombra por, pelo menos, uma semana para que as peças não trinquem.

## Orientações didáticas

Ao realizar esse trabalho, conversar com as crianças sobre o artesanato praticado pelos povos tradicionais da região Norte e também pelos povos indígenas que vivem ali, organizando, assim, um momento em que as atividades práticas entre as crianças estarão mescladas com a aquisição de conhecimentos a respeito da nossa cultura e tradição. Desse modo, caso seja oportuno e a escola permita, mostrar às crianças algumas peças de artesanato indígena da região Norte. Os Karajá, por exemplo, possuem terras indígenas nos estados de Tocantins e Pará.

Há uma exposição virtual com peças de arte produzidas por esse povo neste *site*:

- **Instituto Socioambiental.** Disponível em: <<https://img.socioambiental.org/v/publico/institucional/acervos-weltmuseum-wien/karaja>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

O trabalho com argila será melhor executado, provavelmente, com as crianças maiores (de um ano e meio até os três anos). Nessa fase, já é possível combinar com elas algumas regras para a organização do trabalho. Se possível, cada criança deve ser incentivada a montar seu próprio vaso. Além disso, nessa idade as crianças já manipulam os materiais (no caso, a argila) praticamente sem o reflexo de colocá-los na boca, aspecto que dá maior segurança ao trabalho.

Entre os objetivos de uma atividade como essa estão: incentivar o desenvolvimento motor das crianças (especialmente o movimento de “pinça” entre as crianças menores); incentivar a imaginação, a concentração e a cooperação; mostrar a importância do artesanato para os povos tradicionais e indígenas da região Norte.

Essa atividade pode ser adaptada para as crianças menores de um ano e meio de idade, montando somente um grande vaso de argila para que todas possam assistir ao processo. Permitir que as crianças toquem a argila, sentindo sua textura e percebendo as possibilidades de trabalho com ela.

Se desejar, pode-se organizar uma pequena exposição na escola para mostrar os vasos prontos, convidando os familiares e a comunidade escolar para apreciar as criações das crianças.

## Lenda do uirapuru

O uirapuru é uma pequena ave amazônica, cujo canto inspirou Heitor Villa-Lobos a compor um poema sinfônico. Diz a lenda que essa ave nem sempre foi um pássaro.

### Lenda do Uirapuru

Há muito tempo, havia uma tribo em que duas cunhãs se tornaram rivais pelo amor de um mesmo cacique. As duas moças chamavam-se Moema e Juçara. Para resolver o dilema, o cacique prometeu se casar com quem tivesse a melhor pontaria na flecha. Resolveram então realizar uma disputa e no dia marcado, as duas indígenas, munidas de arco e flecha, apresentaram-se na mata para cumprir com o combinado.

A que venceu a disputa casou-se com o cacique e a outra chorou tanto que Tupã, o seu deus, teve tanta pena da moça ao ver suas lágrimas criando um ribeirão que decidiu, então, transformá-la em uma ave de belo canto. Moema foi convertida no uirapuru – que em tupi significa “pássaro que não é pássaro” –, passou a morar na floresta, e seu canto é capaz de ajudar as pessoas a conseguir no amor a felicidade que ela não teve.

### Orientações didáticas

Para explorar a lenda do uirapuru, pode-se organizar uma roda de contação de histórias. Entre os principais objetivos de se contar essa lenda para as crianças de todas as faixas etárias estão: exercício e a valorização da oralidade, o estímulo à concentração por parte das crianças (que, sentadas em roda, serão incentivadas a prestar atenção em sua voz e em seus movimentos); o incentivo à participação durante a contação da história; o incentivo à imaginação e o contato com uma lenda que faz parte do rico repertório do folclore da região Norte.

Antes de começar a contar a lenda para as crianças (de todas as faixas etárias), é importante explicar que o uirapuru é um pássaro conhecido pelo seu belo canto; ele vive na região da Amazônia brasileira e se alimenta de pequenos insetos e de frutos. Mostrar às crianças fotos do uirapuru, caso não o conheçam e então dar início à contação da história.

É possível complementar a atividade com objetos musicais que acompanhem a narrativa, como chocalho.

Com as crianças de dois a três anos, é possível contar a lenda e propor uma roda de conversa, com questões como:

1. Como se chamavam as duas moças que eram apaixonadas pelo mesmo cacique?
2. O que foi feito para decidir com qual das duas moças o cacique iria se casar? Quem ganhou a disputa?
3. O que aconteceu com Moema?
4. O que o canto do uirapuru significa para as pessoas, de acordo com a lenda?

## Boizinho de cuia

Segundo o site *Mapa do brincar*, que pesquisa as brincadeiras tradicionais em todo o território brasileiro, a brincadeira com o **boizinho de cuia** tem origem em Santarém, no estado do Pará.

Entre as pessoas de gerações mais antigas, fazer o próprio brinquedo era algo muito comum. É provável que os avós de muitas crianças, ou mesmo outros familiares e cuidadores mais velhos, tenham passado grande parte da infância construindo bonecas com palha de milho, carrinhos com madeira ou papelão, fantoches com frutos, raízes, gravetos, embalagens de papel etc. Desse modo, entre os objetivos dessa atividade, estão o resgate da prática antiga de se fazer o próprio brinquedo, o incentivo ao desenvolvimento motor das crianças e a possibilidade de contato com aspectos do modo de vida antigo e tradicional.

### Material:

- Uma cuia verde (ou manga ou chuchu);
- Seis gravetos ou palitos de sorvete.

### Como fazer:

- Fincar na cuia, manga ou chuchu os quatro gravetos ou palitos para fazer as patas do boi.
- Utilizar os demais gravetos para fazer os chifres.
- As crianças poderão usar a imaginação e fazer vários boizinhos para brincar.

## Orientações didáticas

É necessário tomar vários cuidados com os bebês de até um ano e meio de idade, em média, já que eles podem manipular os gravetos ou os palitos de forma perigosa. De todo modo, pode-se organizar uma oficina de montagem dos boizinhos e montar três exemplares: um deles utilizando cuia verde, o outro com manga e um terceiro com chuchu. Deve-se ficar atento às atividades e aos movimentos dos bebês para que eles manipulem os brinquedos de forma segura. Pequenos currais podem ser construídos com as crianças para brincar com os boizinhos.

Entre as turmas maiores, de dois até três anos, pode-se incentivar a montagem de um boizinho por criança, já que elas possuem mais habilidades motoras e conseguem manipular os materiais com maior segurança.

Com as crianças maiores (entre dois e três anos) é possível fazer um complemento para essa atividade. Elas podem ser incentivadas a perguntar a um familiar ou a um cuidador mais velho se já confeccionou brinquedos na infância, e que tipo de brinquedo costumava confeccionar, em caso de uma resposta positiva. É possível que especialmente entre as crianças de três anos, essa atividade seja bem-sucedida: pode ser que fiquem empolgadas com a ação de entrevistar alguém e, no caso de respostas positivas, ficarão interessadas em compartilhar com os colegas as histórias ouvidas.

## Referências bibliográficas

- ARTES. In: **Mirim — Povos Indígenas do Brasil**. Instituto Socioambiental. Disponível em: <<https://mirim.org/artes>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- BOI-BUMBÁ. In: **Festas populares**. Disponível em: <<https://www.visiteobrasil.com.br/norte/amapa/festas-populares/conheca/boi-bumba>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- BRINCADEIRAS. **Território do brincar**. Disponível em: <<http://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras/brincadeira-da-onca-2>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- CIRANDA do Norte. Disponível em: <[http://wikidanca.net/wiki/index.php/Ciranda\\_do\\_Norte](http://wikidanca.net/wiki/index.php/Ciranda_do_Norte)>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- GODOY, Kathya Maria Ayres de. **A criança e a dança na Educação Infantil**. Conteúdos e didática de Artes. São Paulo: Unesp. p. 22 e 25.  
Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40517/1/01d18t02.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- HORTA, Carlos Felipe M. M. **O grande livro do folclore**. São Paulo: Leitura, 2000.
- MARUJADA. In: **Marujada de Bragança: o “Natal dos pretos”**. Disponível em: <<https://festasnobrasil.catracalivre.com.br/as-festas/norte/marujada-de-braganca-o-natal-d-os-pretos>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- COZINHA Folclórica. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/nupes/CozinhaFolclorica\\_Livro.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/nupes/CozinhaFolclorica_Livro.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- PARANÁ. In: **Enciclopédia dos povos indígenas** – Instituto Socioambiental. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/panara>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- TATIT, Ana; MACHADO, Maria Sílvia M. Monteiro. **300 propostas de artes visuais**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- VASOS de argila. In: **Fazendo vasos de argila com as crianças**. Disponível em: <[http://www.ehow.com.br/fazendo-vasos-argila-criancas-como\\_175483](http://www.ehow.com.br/fazendo-vasos-argila-criancas-como_175483)>. Acesso em: 22 jan. 2018.